

TRANSCENDENDO GRADES: OS EFEITOS DO APRISIONAMENTO NOS FAMILIARES DE MULHERES ENCARCERADAS¹

Cibele Lasinskas MACHADO²

1 INTRODUÇÃO

O foco do presente trabalho é um tema essencial para o entendimento pleno dos efeitos do cárcere: a situação das famílias das mulheres presas. Não há dados oficiais sobre os familiares das condenadas e as iniciativas que vêm sendo tomadas ainda não são suficientes para retratar a realidade. Ademais, quanto aos termos socioantropológicos, a lacuna é ainda maior; não são divulgadas as peculiaridades desses sujeitos, conhecimento fundamental para a promoção de políticas públicas para ampará-los. (PEREIRA, 2016)

Grande parte da bibliografia sobre o aprisionamento enfatiza a hipótese da desestruturação. O cárcere impõe efeitos dolorosos, porém é um erro afirmar que são absolutamente destruidores (GODOI, 2011). Novos vínculos podem ser criados a partir dessa desestruturação primordial, sendo fundamental o estudo dos novos laços formados pelas redes de afeto tecidas em torno da prisão (PADOVANNI, 2015, p.10). Dessa forma, a presente pesquisa visa a estudar os efeitos desestruturantes

¹ Resumo apresentado no I Simpósio de Ciências Criminais (2019) da Faculdade de Direito de Franca (FDF), Franca/SP.

² Graduanda em direito pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Campus Franca. Departamento de Direito Público. cibeelasinskas@gmail.com

e constitutivos de afetos que o aprisionamento acarreta na vida dos familiares de mulheres em situação de prisão.

Quanto aos efeitos acarretados pelo ambiente prisional, Megan Comfort (2009) formulou a hipótese da “prisionização secundária”, elaborando um estudo sobre as relações conjugais em um presídio masculino de segurança máxima na Califórnia. No contexto brasileiro, Jacqueline de Lima (2013) dialoga com tais análises, afirmando que os comportamentos típicos da prisão transcendem seus muros com o contato entre detentos e familiares.

Tratando-se da ponte para a construção de vínculos, Natalia Padovanni realizou um estudo sobre os afetos construídos em um ambiente prisional. Em um de seus relatos, protagonizam Eduardo e Marta, ambos presos em penitenciárias distintas e vivendo em uma união estável. Como relatado, as cartas recebidas eram uma forma de aproximar o casal, que tomava conta um do outro. “Com as cartas de Eduardo, Marta vivia seu casamento e provava que ele existia dentro (fora) da prisão.” (PADOVANNI, 2015, p.133)

No momento das visitas, há o forte transtorno do estigma. “Se a mãe infringiu a lei suspeita-se que o filho possa ter o mesmo comportamento. Não há qualquer respeito pela família da presa e a humilhação imposta transforma-se em dolorosa forma de punição adicional”. (LEMGRUBER, 1999, p. 47).

Em cada etapa do processo de visitação, com suas diferentes combinações de demora e pressa, revelam-se relações políticas – no caso, entre as forças do Estado e uma determinada parcela da população colocada sob perene suspeição – estruturadas sobre algo tão etéreo e tão concreto quanto o uso do tempo. (GODOI, 2013)

Analisando-se a legislação existente a respeito do tema, verifica-se que o Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe que, mesmo com o fato da mãe estar aprisionada, o menor impúbere possa ter contato com seu seio familiar. Entretanto, muitas das penitenciárias abrigam presas de diferentes cidades, dificultando a realização de visitas. Afinal, a locomoção pode ocupar um tempo que os responsáveis de tais crianças não possuem, principalmente considerando-se que o horário das visitas ocorre, em boa parte dos casos, durante a jornada de trabalho. Ainda, o custo para tais viagens nem sempre pode ser arcado, diminuindo as visitas e privando os filhos da convivência familiar necessária ao seu pleno desenvolvimento. Como afirmado por Olga Espinoza (2004, p. 132), “a condenação das

mulheres recaí não só sobre elas, mas também sobre os filhos, vítimas indiretas da sanção estatal”.

Além dos filhos e dos cônjuges, os demais familiares da mulher presa têm suas vidas modificadas após o a prisão. Nos casos em que o parceiro da mulher não é presente, o cuidado com os filhos pode acabar ficando a cargo de outros membros da família, modificando a rotina e a gestão financeira dessas pessoas. Ademais, tais pessoas sofrem com o estigma e o preconceito por parte da sociedade, o que gera o “cansaço” e a vulnerabilidade dessas famílias (PEREIRA, 2016).

Desse modo, essa pesquisa possui enquanto objetivos averiguar como os efeitos do encarceramento afetam as famílias de mulheres em situação de prisão, principalmente nos âmbitos econômico e emocional. Serão analisados os efeitos econômicos que a prisão provoca nos lares de tais mulheres, entendendo se e de que maneira a condição econômica mudou após o cárcere; será buscada a compreensão se e de qual maneira o aprisionamento afetou o emocional daqueles que conviviam com a mulher e será problematizado se esses efeitos poderiam ser uma forma da família cumprir uma pena conjuntamente à condenada.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a relação do cárcere e a família das encarceradas, de modo a fornecer embasamento para refletir sobre os dados empíricos coletados, sendo a análise realizada com a perspectiva de gênero, utilizando-se diferentes correntes da criminologia feminista para a verificação dos dados. Foi desenvolvida uma pesquisa empírica, com abordagem qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas com os familiares das mulheres presas na Penitenciária Feminina de Tremembé dois, entendendo-se por familiares os ascendentes, descendentes e cônjuges. A pesquisa empírica foi escolhida para priorizar a percepção dos atores envolvidos na pesquisa e entender como os efeitos do cárcere se traduzem para além do já descrito no campo teórico.

A entrevista individual semiestruturada foi adotada com o gravador e com um roteiro prévio, sendo realizada a transcrição de tais entrevistas, de modo a evitar a digressão dos entrevistados e possibilitar uma análise aprofundada e qualitativa da temática abordada. As famílias

foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de tais pessoas, sendo um total de três núcleos familiares entrevistados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho, ainda em andamento, busca analisar os impactos da prisão, entendendo sobre a criação/destruição dos laços familiares, bem como analisando a possibilidade da família também ser “condenada” conjuntamente à mulher. Dessa forma, os resultados obtidos pelas entrevistas estão sendo comparados com os referenciais teóricos utilizados, de modo a entender se as descobertas confirmam ou refutam tais arcabouços teóricos, realizando-se a interpretação dos dados obtidos, para que não haja somente a mera descrição e seja possível acrescentar informações aos questionamentos que já existem sobre a temática. Afinal, “para que um estudo de campo tenha valor, é necessário que seja capaz de acrescentar algo ao já conhecido” (GIL, 2002, p. 134).

4 CONCLUSÃO

A pesquisa ainda se encontra em andamento, sendo realizadas análises sobre a relação entre o descoberto nas entrevistas e as teorias sobre os impactos do cárcere nos familiares de mulheres aprisionadas, utilizando-se o recorte de gênero em todos os estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMFORT, Megan. We Share Everything We Can the Best Way We Can. Sustaining Romance Across Prison Walls. *TransatlanticaRevue d'étudesaméricaines*. *American StudiesJournal*, 2009.

ESPINOZA, Olga. A mulher encarcerada em face do poder punitivo. São Paulo: IBCCrim, 2004.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GODOI, Rafael. Para uma reflexão sobre efeitos sociais do encarceramento. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 8: 138-154, 2009.

GODOI, Rafael. Nem dentro nem fora: a logística da visitação em penitenciárias do oeste paulista, 2013. Disponível em: <<http://www.veratelles.net/wp-content/uploads/2013/10/RafaelGodoi-Nem-dentro-nem-fora.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LEMGRUBER, Julita. Cemitério dos vivos. Análise sociológica de uma prisão de mulheres. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

LIMA, Jacqueline Stefanny Ferraz. 2013. Mulher Fiel: As famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação e Ciência, Universidade Federal de São Carlos.

PADOVANNI, Natalia Corazza. 2015. Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

PEREIRA, Éverton Luís. Famílias de mulheres presas, promoção da saúde e acesso às políticas sociais no Distrito Federal, Brasil. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.21, n.7, p.2123-2134, Julho 2016. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232016000702123&lang=pt#B14 Acesso em: 05/03/2017